

gmr.
378(02)

1990/91

EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO



XI

GUIA DO ESTUDANTE

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Guia do Estudante da FLUP. LLM : 3^a Ano

Vol. 11, 1990-1991

Publicação anual

Dactilografia: Margarida Santos

Execução e Impressão: Oficina Gráfica

Tiragem: 250

Na sequência do trabalho levado a cabo por anteriores Conselhos Directivos, edita-se no ano lectivo de 1990-91, pela 11ª vez, o Guia do Estudante.

Como parte integrante da vida da Faculdade de Letras do Porto, o Guia pretende ser, fundamentalmente, um instrumento de informação útil para os alunos nos planos pedagógico, científico, administrativo e da utilização de serviços. Mas nele também cabe o registo de acontecimentos que, de uma ou outra forma, marcam o trajecto desta instituição ao longo do passado ano lectivo.

Em 12 de Dezembro de 1989 foram aprovados os Estatutos da FLUP, momento assinalável na vida e autonomia da Faculdade e facto que implicou uma responsabilidade acrescida de todos os sectores da Escola. Em 19 de Junho de 1990 coube à FLUP ser a primeira instituição no quadro da Universidade Portuguesa a outorgar o grau de doutor "honoris causa" a Sua Ex.ª o Presidente da República. Assina-se ainda a continuação das obras do novo edifício da FLUP que, prosseguindo a bom ritmo, levarão à existência, a curto prazo, de um novo espaço de docência, estudo, investigação e convívio académico, onde novos desafios nos esperarão a todos - professores, alunos e funcionários - em termos de direitos conquistados e de deveres a cumprir. Será talvez o momento ideal para finalmente concretizar um modelo de funcionamento da Faculdade cujas linhas de força se pautem, cada vez mais, pelo profissionalismo, pela eficácia e pelo rigor, contornando deste modo uma por vezes excessiva dependência em relação a um espírito de boas vontades que, sempre louváveis, não chegarão para enfrentar o futuro dos anos 90.

Mas o primeiro grande desafio que se nos depara é já o do ano lectivo de 1990-91. Será seguramente mais um teste à capacidade de todos os que nesta casa trabalham. Será também um ano em que o Conselho Directivo, em colaboração com os demais órgãos de gestão e com a Associação de Estudantes, procurará empenhar-se no bom funcionamento de todas as actividades que na actual Guia possa valer como contributo importante.

Porto e Faculdade de Letras, Setembro de 1990

O PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

ÓRGÃOS DE GESTÃO DA FACULDADE

Assembleia de Representantes
Conselho Diretivo
Conselho Científico
Conselho Pedagógico
Conselho Administrativo
Conselho Consultivo.

SERVIÇOS DA FACULDADE

A - Secretaria

Sector de Matrículas e Inscrições
" de Equivalências
de Mudanças de Curso.
Horário normal de abertura ao público:
de 2ª a 6ª feira: 12H00 - 16H00
Encerra ao Sábado.

B - Tesouraria

Serviço de pagamento das cartas de curso
"de venda de selos fiscais.
Horário de atendimento:
de 2ª a 6ª feira: 9H30 - 11H30
14H30 - 16H30
Encerra ao Sábado.

C - Biblioteca Central

A Biblioteca Central constitui um serviço de fundamental importância da FLUP e por isso tem merecido uma atenção particular por parte dos Conselhos Directivos.
São utentes de direito da Biblioteca os docentes e os alunos da FLUP. Em casos devidamente justificados, porém, outras pessoas podem utilizar os seus serviços, nomeadamente a pesquisa na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase").

Para consulta das obras da Biblioteca Central os alunos devem possuir

5. Os alunos invisuais dispõem do aparelho Optacon oferecido pela Fundação Calouste Gulbenkian e instalado na Biblioteca Central.

2ª a 6ª feira: 8H30 - 18H00
Sábado: 9H00 - 11H30.

3. Horário de leitura:

O mesmo se aplica às obras pertencentes ao "Fundo Primitivo", domiciliária.
revistas e publicações periódicas não podem ser requisitadas para leitura "Reservados", as de "referência" (dicionários, enciclopédias), as teses e as Como é de norma em todas as bibliotecas, as obras classificadas de respectivas siglas.
de alguns Institutos e Centros sediados na Faculdade, identificáveis pelas Tanto os catálogos tradicionais como a "Porbase" incluem também obras devem ser procuradas nos catálogos tradicionais.
ficheiro da Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase"), pelo que não Nota. As obras entradas depois de 1988 encontram-se integradas no

dará as indicações necessárias para estabelecer a ligação.
5. Se tiver dificuldade, dirija-se ao funcionário da Biblioteca, que 4. siga as instruções que aparecem no ecrã.
3. Digite: CAT.
2. Carregue tecla ENTER.
1. Digite: GEAC.
Como aceder à Base Nacional de Dados Bibliográficos:

2. Sala dos Catálogos:
 - a) Onomástico
 - b) Didascálico
 - c) CDU (Classificação Decimal Universal)
 - c) Cardex (Publicações Periódicas)
 - d) "Porbase" (através do terminal ligado em linha à Base Nacional de Dados Bibliográficos)
 - e) Base de dados local.

Leitura.

o cartão de leitor, revalidado todos os anos depois de efectuadas as inscrições.

1. Tipos de leitura:
 - a) de presença: na Sala de Leitura (horário afixado);
 - b) domiciliária: normas regulamentares afixadas na Sala de

6. Serviço de Informação Bibliográfica da Biblioteca Central da Faculdade:

Boletim Bibliográfico - Referente as obras entradas em cada semestre (publicado desde 1979)
Anexos do Boletim:
I - Teses existentes na Biblioteca Central (Junho de 1989)
II - Publicações dos Docentes da Faculdade, existentes na Biblioteca Central (Junho de 1989)
Boletim de Sumários, respeitante aos índices das publicações periódicas recebidas (iniciado em 1988)
"Reservados" da Biblioteca Central, Porto, 1989
"Boletim Temático", Porto, 1990.

Para além da Biblioteca Central, existem na Faculdade Institutos, Salas e Centros de Investigação (estes dependentes do INIC):

- Instituto de Estudos Ingleses
- " de Estudos Norte Americanos
- " de Estudos Germanísticos
- " de Geografia
- " de Cultura Portuguesa
- " de Arqueologia
- " de Documentação Histórica Medieval
- " de Filosofia e História da Filosofia
- " de História de Arte
- " de Língua Portuguesa
- " de Literatura Comparada
- " de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa
- " de Sociologia

- Sala Francesa
- " Brasileira
- " Espanhola
- " Neerlandesa
- " de História Moderna
- " de História Medieval
- Centro de História
- " de Linguística
- " de Estudos Semióticos e Literários.

o Centro Norte de Portugal-Aquitània (CENPA).
Dependente da Reitoria da Universidade, mas sediado na FLUP, funciona
Obs.: O acesso de alunos a algumas destas unidades está condicionado, de acordo com as normas da direcção de cada uma delas.

A. Cursos de Licenciatura
 História (Variante Artes; Variante Arqueologia)
 Filosofia
 Línguas e Literaturas Modernas (Est. Port.; Est. Port./Franc.; Est.

ATIVIDADE ESCOLAR

Horário:
 2ª a 6ª feira - 7H30 - 23H00
 Sábados - 7H30 - 13H00.

Reservado aos elementos da FLUP. Entrada pela Travessa de Entre Campos. Possui zonas demarcadas, que devem ser respeitadas para comodidade de todos. Chama-se particular atenção para a área reservada à viatura da faculdade, que deve manter-se sempre desimpedida.
 No interior do parque aplicam-se todas as normas jurídicas sobre responsabilidade civil por danos causados a terceiros.

PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Horário:
 2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H00
 Encerra ao Sábado, normalmente.

Presentemente, o serviço de cafeteria e de "snack" é assegurado por exploração dependente da Associação de Estudantes da Faculdade.

BAR

Horário de atendimento ao público:
 2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H30
 Sábados: 9H00 - 12H30.

Serviço de reprografia da Faculdade e de venda de publicações; apoia as actividades pedagógicas, de investigação e administrativas da escola. Prévio fixado pelo Conselho Directivo.

C - Oficina Gráfica - Balcão de Vendas

Port/Ingl; Est. Port/Alem; Est. Ingl/Alem; Est. Franc/ Alem; Est. Franc/Ingl.)
Geografia
Sociologia.

Curriculos em vigor em 1990/91:
1º, 2º, 3º e 4º anos - Port. n.º 850/87
4º ano - Dec. n.º 53/78
4º ano de Est. Portugueses (LM): Dec. do Gov. n.º 75/84.
5º ano de Sociologia - Seminário de Investigação

B - Cursos Profissionalizantes:
a) Ramo educacional:
regime transitório
regime normal (3º e 4º anos).

b) Tradução (regimes transitório e normal).

C - Cursos de pós-graduação (em funcionamento):

a) Mestrados: em História Medieval

História Moderna

Filosofia Social e Política

Filosofia do Conhecimento

Arqueologia

Educação (propósito)

b) Curso de Especialização em Ciências Documentais - opção "Bibliotecas e Documentação"; Opção "Arquivos"

c) Curso de Conservador de Museu (propósito).

D - Curso de Português para Estrangeiros (em julho).

INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS (síntese):

Os alunos devem ter em atenção o regime e tabela de precedências em vigor, assim como as Normas de avaliação aprovadas pelo Conselho Pedagógico.

1. RAMO EDUCACIONAL:

Regime transitório:

1º ano:

a) obrigatoriedade de frequência mínima a 2/3 das aulas;

b) os alunos que concluem a licenciatura têm direito a candidatar-

em conta as classificações mais baixas obtidas pelo aluno até a data.
 Obs.: Para os efeitos indicados no número precedente, não são levadas em uma em atraso).

menos duas (se o aluno não tem disciplinas em atraso), ou menos uma (se só nas classificações da totalidade das disciplinas do 1º e do 2º ano, 3. A média para seriação dos candidatos é calculada com base o máximo de duas disciplinas em atraso).

aluno deve estar em condições de passagem para o 3º ano do curso (isto é, com 2. Para poder candidatar-se ao ramo educacional - regime normal - o

Filosofia.
 "Psicologia e Desenvolvimento da Aprendizagem" (PDA), em História e

"Introdução às Ciências da Educação" (ICE), em todos os cursos,
 1. Candidaturas à inscrição, no 3º ano, nas disciplinas de:

Regime normal (Port. 850/87):

de estágio em julho do ano seguinte).
 transição na época de Setembro em princípio só podem concorrer a lugares

do 1º ano (na época de julho, os alunos que terminam o 1º ano do regime
 c) admissão ao estágio com aproveitamento em todas as disciplinas
 b) seminário semanal na Faculdade (3 horas);

do Norte;
 a) estágio nos locais fixados pela Direção Regional de Educação

2º ano:
 em LLM: Didáctica da Língua Inglesa e Metodologia do Inglês.

Educação;
 em Filosofias: Filosofia da Educação e Introdução às Ciências da

c) equivalências concedidas;
 licenciatura;
 se à inscrição no 1º ano no primeiro curso aberto após a conclusão da

os candidatos devem estar em condições de passarem para o 3º ano (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso e desde que nenhuma delas seja a língua em que o interessado pretende fazer o curso de Tradução).

b) Critérios de selecção:
 Diário da República.
 glês/Francês; Francês/Alemão), aguardando-se a necessária publicação no curso de Tradução nas restantes combinações de LLM (Inglês/Alemão; In-
 Nota: O Conselho Científico manifestou-se a favor da abertura do

- a) Possibilidades:
- Português-Inglês
- Português-Alemão
- Português-Francês.

estrangeiras
 Regime normal - 3º e 4º anos de todas as variantes de LLM com línguas

faça-lo nos dois primeiros concursos abertos após a conclusão desse grau.
 variantes atrás indicadas (e nas condições fixadas na Port. 850/87), devendo
 c) podem candidatar-se os interessados que possuam a licenciatura nas

- 50% das aulas práticas;
- 2/3 das aulas teóricas
- b) obrigatoriedade de frequência mínima às aulas:
- " Est. Ingl./Alem. - Port./Ingl. ou Port./Alem.;
- " Est. Franc./Ingl. - Port./Ingl. ou Port./Franc.
- " Est. Port./Franc. - Trad. Port./Franc.
- Variante de Est. Port./Ingl - Trad. Port./Ingl.
- a) possibilidades:

Regime transitório:
 2. CURSOS DE TRADUÇÃO - Para alunos de LLM (Port. 850/87):

Notas:
 I - O regulamento dos estágios da FLUP, com a fórmula para o cálculo
 da classificação final, encontra-se publicado na Port. 659/88.
 II - Os alunos devem ler com cuidado todos os avisos afixados sobre
 esta matéria antes de se dirigirem à Secretaria.

INDICAÇÕES ACADÊMICAS (Síntese):

1. No prazo de 7 dias a contar da afixação do respectivo aviso (ou pauta) ou da data do correio, os alunos devem dar cumprimento aos deferimentos favoráveis exarados nos requerimentos que tenham apresentado à Faculdade.

2. Reingressos, transferências, mudanças de curso:

Edits afixados em 8 de Outubro (inclusive)

Inscrições: de 9 a 15 de Outubro (inclusive)

Reclamações: de 9 a 15 de Outubro (inclusive)

3. Mudança de variante em LLM: os pedidos só podem ser considerados depois de os alunos terem completado todas as disciplinas do 1º ano em que se inscreveram; esta disposição aplica-se aos casos de retoma de estudos e de transferência de outras faculdades congêneres, caso se traduzam, na prática, em mudança de variante; excluem-se os casos de alterações curriculares resultantes de situações contempladas na lei, como sejam as equivalências de planos de estudo.

4. Curso de Ciências Documentais (pós-graduação) - as disciplinas em atraso do curso anterior podem ser feitas no curso seguinte.

Notas:

1. Para as restantes informações, devem os alunos consultar o folheto "Indicações Úteis aos Alunos", difundido gratuitamente pela Universidade do

Porto.

2. Chama-se a especial atenção dos alunos para os avisos sobre a "micro-radiografia".

(Aprovadas pelo Conselho Pedagógico em 24.07.90)

No desempenho das funções que lhe competem pelo Artº 38º, ponto 2, alínea a) dos Estatutos da Universidade do Porto, publicados no Diário da República, nº178, de 4-8-89 e pelo Artº 13º, ponto 6, alínea a) dos Estatutos da Faculdade de Letras, publicados no Diário da República, nº29, de 3-2-90, e de acordo com as normas gerais respeitantes ao exame final definidos pela Portaria nº886/83 de 22 de Setembro, o Conselho Pedagógico aprovou em 24-7-90 as Normas de Avaliação de Conhecimentos para o ano lectivo de 1990-91.

As normas agora propostas introduzem modificações pontuais no texto em vigor no ano lectivo de 1989-90. Chama-se a atenção, no entanto, para os novos artigos 10º e 11º.

CAPÍTULO I - DISPOSIÇÕES GERAIS

Artº 1º - Modalidades de avaliação. Admitem-se três modalidades de avaliação:

I - Avaliação contínua.

II - Avaliação periódica.

III - Avaliação final.

§ Único - Poderá existir uma combinação de avaliação contínua com qualquer outra forma de avaliação nos termos do nº 3 do Artº 11º das presentes Normas.

Artº 2º - Apresentação do plano de avaliação.

No início do ano lectivo, ao apresentar o programa da disciplina (conforme o disposto no Estatuto da Carreira Docente Universitária), deverá o docente apresentar o plano de avaliação e dialogar com a turma acerca dos seus diferentes aspectos, com exploração dos objectivos pedagógicos didácticos, modalidades de avaliação, critérios e instrumentos de avaliação a utilizar.

§ 1º - Este plano de avaliação deverá ter em conta as condições concretas de funcionamento de cada disciplina, nomeadamente:

a) número de alunos;

b) número de docentes;

c) natureza da disciplina.

§ 2º - Competirá ao Conselho Pedagógico, sempre que necessário, analisar todos os aspectos inerentes à elaboração e aplicação do referido plano de avaliação.

Artº 3º - Trabalhos de investigação.

Deve ser promovida a realização de trabalhos de investigação, in-

Art. 8º - Arredondamento de notas. As classificações a articular, quando implicarem direito a uma prova oral ou dispensa de prova final, deverão ser arredondadas (ex.: 9,5=10 e 7,5=8).

Art. 7º - Notas quantitativas. Todas as notas relativas a provas ou trabalhos que sirvam de fundamento à classificação final serão publicadas sob a forma de nota quantitativa (escala de 0 a 20).

Art. 6º - Provas orais. As provas orais de avaliação de conhecimentos devem realizar-se em salas com portas abertas ao público e perante um júri constituído pelo número mínimo de dois docentes ligados à área da disciplina.

Art. 5º - Consulta dos testes. 1 - Os alunos têm o direito de consultar os seus testes. No caso de prestação de prova oral, os alunos têm o direito de serem informados acerca da nota que obtiveram na prova escrita correspondente. 2 - Sendo possível provar a existência de qualquer irregularidade processual na classificação das provas, os alunos poderão dirigir uma reclamação ao Conselho Pedagógico, que tomará as providências necessárias no sentido de resolver a situação.

Art. 4º - Reprovação em avaliação contínua e periódica. Os alunos que reprovem na avaliação contínua ou periódica só poderão fazer exame final na época de recurso (Setembro), nas condições fixadas por lei.

§ 1º Os alunos poderão ter acesso aos trabalhos elaborados pelos colegas desde que os autores desses trabalhos o autorizem e o docente recomende a sua divulgação. § 2º - Os docentes deverão proceder à classificação dos trabalhos de investigação. § 3º - Desde que o trabalho de investigação seja considerado idóneo, este deverá ser valorizado em pelo menos 1/3 da nota final; ou em 50% no caso de o trabalho substituir um dos dois elementos da avaliação periódica. § 4º - Considera-se um trabalho de investigação um trabalho escrito em que haja pesquisa bibliográfica e documental original e individualizada e cuja apresentação e dimensão obedecem a certos requisitos mínimos e previamente acordados entre docentes e alunos.

Em função da participação individual, os alunos pertencentes a um mesmo grupo de trabalho poderão ter uma nota diferenciada, o que deve desde o início ser tornado claro pelo docente.

Os docentes deverão acompanhar de perto a elaboração dos trabalhos em individuais ou em grupo, a apresentar e discutir oralmente, na aula ou fora dela. Os docentes deverão acompanhar de perto a elaboração dos trabalhos em todos os trâmites.

2 - De modo a possibilitar a realização de avaliação contínua, as disciplinas poderão ser organizadas em turmas teóricas e turmas práticas (1 Conselho Pedagógico).

1 - A avaliação contínua poderá ser realizada em qualquer tipo de disciplina, em turmas cuja frequência média não exceda 30 alunos. Em certos casos, poderá haver alteração desse número, mediante prévia autorização do Conselho Pedagógico.

Artº 13º - Número de alunos por turma.

1 - A avaliação contínua poderá ser realizada em qualquer tipo de disciplina, em turmas cuja frequência média não exceda 30 alunos. Em certos casos, poderá haver alteração desse número, mediante prévia autorização do Conselho Pedagógico.

2 - As classificações da avaliação contínua devem ser afixadas em qualquer caso, indicando especificamente o resultado obtido em todos os momentos de avaliação realizados.

3º - Os alunos deverão ser informados de todos os elementos de avaliação, incluindo as provas orais e a participação oral nas aulas, assim como dos métodos de ponderação adoptados.

4º - Os alunos deverão ser claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação.

5º - Os alunos deverão ser claramente informados sobre qual o realizado na própria aula.

6º - Os alunos deverão ser claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação.

7º - Os alunos deverão ser claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação.

8º - Os alunos deverão ser claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação.

9º - Os alunos deverão ser claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação.

10º - Os alunos deverão ser claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação.

11º - Os alunos deverão ser claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação.

12º - Os alunos deverão ser claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação.

A - AVALIAÇÃO CONTÍNUA

CAPÍTULO II - DISPOSIÇÕES ESPECIAIS

1 - Os alunos deverão ser claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação.

2 - Os alunos deverão ser claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação.

3 - Os alunos deverão ser claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação.

4 - Os alunos deverão ser claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação.

5 - Os alunos deverão ser claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação.

6 - Os alunos deverão ser claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação.

7 - Os alunos deverão ser claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação.

8 - Os alunos deverão ser claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação.

9 - Os alunos deverão ser claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação.

10 - Os alunos deverão ser claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação.

11 - Os alunos deverão ser claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação.

12 - Os alunos deverão ser claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação.

técnica + 2 ou 3 práticas), sem prejuízo da carga horária prevista na distribuição de serviço e mediante acordo prévio do Conselho Directivo no que respeita à ocupação de salas.

3 - Caso exista uma nítida distinção entre aulas teóricas e aulas práticas, uma mesma disciplina poderá funcionar simultaneamente com dois tipos de avaliação: avaliação periódica ou final relativamente às aulas teóricas; avaliação contínua relativamente às aulas práticas. Em caso de avaliação negativa na componente teórica da disciplina, a classificação que o aluno tenha obtido na componente prática em avaliação contínua, desde que positiva, deverá ser considerada até à época de recurso ou especial do mesmo ano lectivo.

Art.º 14º - Obrigatoriedade de presenças.

A avaliação contínua obriga à presença do aluno no mínimo em 2/3 das aulas. A presença dos alunos deverá ser verificada pela assinatura de folhas de presença, sob a responsabilidade do docente.

§ Único - Na situação descrita nos números 2 e 3 do Art.º 11º. os alunos ficam obrigados a este regime de presenças apenas em relação às aulas práticas.

Art.º 15º - Inscrição e desistência.

1 - A inscrição em avaliação contínua deverá ser feita no decurso do primeiro mês de funcionamento da disciplina.

2 - Os alunos poderão desistir da avaliação contínua, submetendo-se à avaliação final (linguas vivas) e nas restantes disciplinas até à primeira aula da disciplina a seguir às férias da Páscoa.

Art.º 16º - Avaliação em seminários.

Nas disciplinas que funcionem em regime de seminário pode praticar-se a avaliação contínua.

Observação final - As disciplinas ou turmas que funcionem no regime de avaliação contínua poderão não interromper as aulas nos períodos de avaliação periódica.

B - AVALIAÇÃO PERIÓDICA

Art.º 17º - Tipo de provas.

O número de provas a realizar será no mínimo de duas, sendo uma obrigatoriamente em presença do docente e podendo ser a outra um trabalho realizado fora da aula, desde que previamente acordado entre docente e aluno. Nas disciplinas em que se entenda necessária a realização de trabalhos práticos ou de campo, estes terão um estatuto próprio e a sua realização deverá ser previamente acordada entre docente e alunos, assim como a ponderação da avaliação respectiva.

Qualquiera outras provas - orais ou escritas - que venham a ser

realizadas no âmbito de cada disciplina serão facultativas.

§ 1º - A matéria versada nas provas será a que tiver sido leccionada até 8 dias antes da sua realização.

§ 2º - Sempre que as classificações das provas que excedam o número de duas sejam consideradas para efeito de média final, serão publicadas com as restantes.

Artº 18º - Calendário das provas.

O calendário das provas será oportunamente elaborado pelos Serviços Administrativos da Faculdade em colaboração com o Conselho Pedagógico, o Conselho Directivo e com a Associação de Estudantes. A sua elaboração deve obedecer aos critérios descritos na Observação final à Parte B do Cap. II.

Artº 19º - Repescagem.

Os alunos em avaliação periódica têm direito, nas condições abaixo indicadas, a uma prova de repescagem a realizar simultaneamente com a primeira chamada do exame final da época normal. Entre a realização dos resultados das provas de avaliação periódica e a primeira chamada do exame final da época normal deverá mediar um intervalo mínimo de dois dias úteis (o sábado não deve ser considerado dia útil).

Artº 20º - As condições referidas no artigo anterior são as seguintes:

- 1 - Para que haja direito a uma prova de repescagem a nota da outra prova de avaliação periódica terá de ser obrigatoriedade positiva.
- 2 - Os alunos que tenham obtido uma nota igual ou inferior a sete valores numa das provas ou a ela tenham faltado deverão sujeitar-se a uma prova de repescagem sobre a matéria respeitante àquela prova.
- 3 - Ficam dispensados da prova de repescagem, embora possam realizá-la, os alunos que tenham obtido numa das provas nota de 8 ou 9 valores, desde que a média das notas seja positiva. Esta dispensa não se aplica caso a média seja negativa, sendo então necessária a repescagem relativa à prova em que o aluno tenha obtido 8 valores, para efeitos de aprovação em avaliação periódica.
- 4 - A nota obtida na prova de repescagem anula a nota da prova que substitui, não se seguindo o critério usado no exame destinado a melhoria de nota. Para que os alunos se considerem aprovados, a média final terá de ser positiva e em nenhuma das provas a nota poderá ser igual ou inferior a sete valores.

Artº 21º - Em caso algum a prova de repescagem se destina a melhoria de nota, não podendo por conseguinte substituir uma prova classificada com nota positiva.

C - AVALIAÇÃO FINAL

Artº 24º - Tipo de provas.

O exame final é constituído por uma prova escrita e uma prova oral, devendo aquela anteceder sempre esta. A prova oral deve realisar-se de acordo com o estipulado no Art. 6º.

§ Único - Nas disciplinas em que seja obrigatória a realização de uma prova prática no exame final (nas épocas normal ou de recurso), esta poderá

1 - Na elaboração do calendário das provas de avaliação periódica deverá ser respeitada, na medida do possível, a distância mínima de 48 horas entre as provas de disciplinas obrigatórias do mesmo ano.

2 - Deverão ser reservados os últimos dias do bloco de avaliação para as provas das disciplinas de opção (tendo em conta o número de disciplinas e a especificidade de cada curso).

3 - Sempre que haja acordo prévio entre docentes e alunos, as provas de avaliação periódica poderão ser realizadas durante o período de aulas, sem prejuízo do normal funcionamento destas.

4 - Dadas as dificuldades na elaboração do calendário de provas nos cursos com múltiplas variantes, deverá ser previsto um prazo para reclamações relativas a coincidências de provas de disciplinas do mesmo ano. O prazo será de 48 horas depois de afixado o calendário das provas; as reclamações deverão ser dirigidas ao Presidente do Conselho Pedagógico, que poderá delegar num ou mais membros do Conselho o poder de resolução destas situações.

exames.
OBSERVAÇÃO FINAL - Critérios para a elaboração do calendário de

Artº 22º - Inscrição e desistência.

1 - A inscrição do aluno na avaliação periódica far-se-á pela sua presença na primeira prova de avaliação, ou por declaração escrita entregue ao professor até à realização dessa mesma prova.

2 - É permitida ao aluno a desistência da avaliação periódica. Essa desistência deverá ser comunicada por escrito ao professor antes do final das aulas.

Artº 23º - Tipos de provas em línguas vivas.

No caso das línguas vivas, sem prejuízo do disposto nos artigos 16º, 17º e 18º na parte que lhes é aplicável, a avaliação periódica consta de dois tipos de provas: escritas e orais. As provas escritas precedem as orais e obrigam a uma média mínima de nove valores, tendo em conta os arredondamentos fixados no Artº 8º, sendo uma delas obrigatoriamente positiva.

§ 1º - Cabe aos leitores fixar o momento da realização dessa prova oral, observando o intervalo mínimo de 48 horas após a afixação dos resultados das provas escritas.

§ 2º - A classificação final deve obter-se pela média entre a nota da prova oral e a média alcançada nas provas escritas.

§ 3º - A prova oral não pode ser entendida como prova de repescagem.

ESCLARECIMENTOS SOBRE A AVALIAÇÃO FINAL

A - MELHORIA DE NOTA

1 - Os alunos que desejem fazer exames para melhoria de nota no ano seguinte em que obtiveram a passagem nas disciplinas cujas notas pretendem melhorar têm de se inscrever aos programas leccionados durante o ano lectivo em que terá lugar o novo exame e de prestar provas com o docente ou docentes que ministrarem os referidos programas.

2 - Os alunos só poderão requerer melhoria de nota na época de recurso (Setembro) do mesmo ano em que tenham obtido aprovação na disciplina ou na época normal (Julho) do ano lectivo seguinte.

3 - Os alunos poderão requerer melhoria de nota relativamente a qualquer disciplina, não devendo ser tida em conta a restrição numérica prevista nestas observações finais (cf. Ponto B destes Esclarecimentos).

4 - No caso de um aluno se submeter a exame para efeitos de melhoria de nota, prevalecerá a classificação mais elevada.

Art.º 29º - Ponderação da nota da prova oral.

Sempre que se realize uma prova oral, o resultado final será a média obtida entre a nota da prova escrita e a nota da prova oral.

Art.º 28º - O regime de obrigatoriedade de prova oral nas condições de número anterior poderá ser entendido a qualquer outra disciplina por decisão do Conselho Pedagógico, sob proposta do responsável pela disciplina e ouvido o responsável pela respectiva área do Conselho Científico.

Art.º 27º - O artigo anterior não se aplica às línguas estrangeiras, em que a prova oral é sempre obrigatória, excepto no caso de não admissão previsto no Art.º 23º.

Art.º 26º - Dispensa da prova oral.

Os alunos que tenham nota igual ou superior a dez valores ficam dispensados da prova oral; mas, mesmo dispensados, podem requerê-la, para o que devem dirigir-se à Secretaria no prazo de 48 horas após a afixação das notas da prova escrita.

Art.º 25º - Admissão à prova oral.

A nota mínima de admissão à prova oral será de oito valores, tendo em conta os arredondamentos fixados no Art.º 8º.

ser substituída por um trabalho prático ou de campo, previamente realizado ao longo do ano lectivo, desde que haja acordo entre professor e aluno; a ponderação desse trabalho na nota final deverá corresponder à da parte prática do exame final.

B - ÉPOCAS DE RECURSO (SETEMBRO) E ESPECIAL (DEZEMBRO)

1 - Na ausência do despacho especial do Reitor da Universidade, o número de exames que os alunos poderão realizar nas épocas de recurso e especial será o seguinte (cf. o Artº 9º da Portaria nº 886/83, de 22 de Setembro e resolução do Conselho Científico da F.L.U.P. de 28.5.84):

- a) Época de recurso: exames de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais.
- b) Época especial: exames de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais.
- 2 - Na época especial cada aluno pode prestar provas de exame final em disciplinas a cujo exame nas épocas normal ou de recurso não haja comparado ou, tendo comparado, dele haja desistido ou nele haja sido reprovado (até ao número máximo referido no Ponto 1), desde que, com a aprovação em tais disciplinas, reúna as condições necessárias à obtenção do grau ou diploma.
- 3 - Na época normal de exames finais (Julho) realizam-se duas chamadas para cada disciplina; nas épocas de recurso e especial realiza-se apenas uma.

(Nota: O ponto de vista enunciado no Artº 18º das Normas de avaliação transcritas traduz unicamente a opinião do C. P.).

Calendario das provas em 1990-1991
(Emanado do Conselho Pedagógico)

Cursos de Licenciatura:
Avaliação periódica - Primeiras provas: de 4 a 23 de Fevereiro de 1991
" " - Segundas provas: de 11 a 27 de Junho de 1991
Exame final - Época normal: de 1 a 20 de Julho de 1991 (provas escritas)
" " - Época de recurso: de 9 a 21 de Setembro de 1991 (provas escritas).

Ramo educacional:
Avaliação periódica - Primeiras provas: de 4 a 23 de Fevereiro de 1991
" " - Segundas provas: 20 de Maio a 1 de Junho de 1991
Exame final - Época normal: 17 de Junho a 30 de Junho de 1991
" " - Época de recurso: de 9 a 21 de Setembro de 1991

Publicações mais recentes da Faculdade de Letras:

- Revista de Faculdade de Letras (dir. do Conselho Científico):
Séries de História, 1984/85/86/87/88/89
Filosofia, 1985 (2 números)/86/87/88
Línguas e Literaturas, 1984/85/86/87/88 (2 tomos)/89
Anexos desta série:
I - Probleáticas em História Cultural, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1987
II - Bibliografia Cronológica de Espiritualidade em Portugal - 1501-1700, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1988
III - Duas Línguas em Contraste: Portugueses e Alemães: Actas do 1.º Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Portuguesa-Alema, Porto, Instituto de Estudos Germanísticos, 1989
Geografia, 1985/86/87
Revista de História (Ed. do Centro de História, 1978 ss.. Em 1979/80 publicou as Actas do Colóquio sobre "O Porto na Época Moderna")
Portugalia (Instituto de Arqueologia), 1980 ss. (Em 1983/84 publicou as Actas do "Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste")
Runa (Coedição do Instituto de Estudos Germanísticos da FLUP), 1984
I Jornadas de Estudo Norte de Portugal - Aquitânia (Faculdade de Letras, Novembro de 1984), Porto, Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia (CENPA), 1986
II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, 2 vols., Porto, Centro de História, 1987
Victor Hugo e Portugal. Actas do Colóquio (no Centenário da sua Morte) (Faculdade de Letras, Maio de 1985), Porto, 1987
Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor, Porto, Institutos de Estudos Ingleses, 1988
La Sociologie et les Nouveaux Défis de la Modernisation, Porto, Association Internationale des Sociologues de Langue Française/ Secção de Sociologia da FLUP, 1988
Encontro de Literatura Suíça (15-17 de Maio de 1989, Instituto de Estudos Germanísticos, 1989
Congresso Internacional "Bartolomeu Dias e a sua Época", 5 vols., Porto, Universidade do Porto - Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1989
"Fundo Pímitivo" da Biblioteca Central. 1919-1928, Porto, 1989
Faculdade de Letras do Porto 1919-1931: Contribuição Bibliográfica para a sua História, por Adriano Eiras, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1989
Eça e "Os Maias". I Encontro Internacional de Queirósianos (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1988), Porto, Edições ASA, 1990

PROGRAMAS

Nota: 1. Os programas que se seguem encontram-se aprovados pelo Conselho Científico para o ano lectivo de 1990-91. As indicações constantes das bibliografias são da responsabilidade dos respectivos docentes.

2. Em virtude de o tratamento inicial dos programas haver sido feito na versão 4.2 do processador "Word Perfect" e de, para efeito de tiragem em impressora "laser", ter sido necessário convertê-los para a versão 5.0, encontrar-se-ão algumas anomalias na apresentação dos textos, de que se pedem desculpas.

Docentes: Prof. Doutor Mário Vilela
 Dr.ª Fernanda Hermínia Peixoto

A. SINTAXE

1. Partes do discurso.
 - 1.1. O nome. O referente, o nome e o seu significado. O referente múltiplo. O nome próprio. Os nomes compostos. Os nomes colectivos. Os nomes abstractos.
 - 1.2. O adjectivo.
 - 1.3. Os categorizadores nominais: género, número.
 - 1.4. O pronome: significado ocasional, campo referencial, subclasses de pronomes.
 - 1.5. O advérbio.
 - 1.6. O verbo: o comportamento sintáctico do verbo. Formas pessoais e não pessoais. Os modos. Bipedicações. Inventário de usos das formas verbais.
 - 1.7. Preposição e conjunção. Interjeição.

2. O enunciado. Oração e frase.

- 2.1. Sintaxe da oração: os seus elementos. Esquemas básicos primários: verbos meteorológicos. Esquemas transitivos, intransitivos, atributivos. Esquemas básicos secundários: construções reflexivas, construções de reflexivo medial e construções de se de indeterminação de agente. Esquemas básicos transformados: negação, interrogação.
- 2.2. Sintaxe dos elementos: funções do substantivo e do adjectivo.

3. Subordinação. Coordenação.

BIBLIOGRAFIA

1. Servir-nos-emos do maior número possível de gramáticas da Língua Portuguesa e, suplementarmente, de gramáticas de outras línguas.
2. Para cada um dos pontos supra-mencionados serão indicados estudos apropriados, sempre que haja oportunidade e/ou necessidade.
3. Como o programa deixa antever, far-se-á sempre que possível, uma "ponte" para a semântica.

Docentes: Prof. Doutor Jorge Osório

Dr. Luís Fardilha

Drª Maria Luísa Malato

Narrativa em prosa nos séculos XVI e XVII

A - Narrativa longa:

1. Discurso em prosa e narrativa; permanências medievais e inovações renascentistas.

1.1. A narrativa cavaleiresca em prosa.

1.2. A novela sentimental.

1.3. A novela pastoril.

1.4. O romance cortês.

2. João de Barros - Crónica do Imperador Clarimundo.

2.1. A "história fingida".

2.2. Destinatários e leitores.

2.3. Aspectos da actualização do género.

3. Bernardim Ribeiro - Menina e Moça.

3.1. A problemática textual.

3.2. Da narrativa cavaleiresca à ficção da novela sentimental e cortês.

3.3. Ficção e "livros de pastores".

4. Literatura de viagens e prosa de actualidade; discurso historiográfico e relato do acontecido.

5. Fernão Mendes Pinto - Peregrinação.

5.1. Destinatários e leitores.

5.2. Autobiografia e relato de aventuras.

5.3. Sobre o "exotismo": doutrina e discurso literário.

8 - Narrativa breve:

1. Permanências do *exemplum* no séc. XVI-XVII.

2. Pe. Manuel Bernardes - Luz e Calor.

2.1. Espiritualidade e narrativa.

2.2. Estratégia do conto breve na retórica da pregação.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

I - Textos

BARROS, João de - Crónica do Imperador Clarimundo, ed. Marques Braga,

3 vols., Lisboa, Sã da Costa, 1953

RIBEIRO, Bernardim - História de Menina e Moça, ed. D. E. Groken-

berger, Lisboa, Liv. Studium, 1947

RIBEIRO, Bernardim - Saudades ou Menina e Moça, ed. José Herculano

- de Carvalho, 3ª ed., Coimbra, Atlântida, 1973
- RIBEIRO, Bernardim - Mémina e Moca, ed. Teresa Amado, Lisboa, Comunicação, 1984
- RIBEIRO, Bernardim - Obras Completas, ed. Marques Braga, 2 vols., Lisboa, Sá da Costa, 1949-1950
- PINTO, Fernando Mendes - Peregrinação, ed. Aníbal Pinto de Castro, Porto, Lello & Irmão, 1984
- PINTO, Fernando Mendes - Peregrinação e outras obras, ed. António José Saraiva, 4 vols., Lisboa, Sá da Costa, I e II vols, 2ª ed., 1981, III vol. 1ª ed., 1974, IV vol., 1ª ed. 1984
- PINTO, Fernando Mendes - Peregrinação, ed. Adolfo Casais Monteiro, Lisboa, IN/CM, 1983
- RAMUZIO, Giovanni Battista - Navigazioni e viaggi, a cura di Marica Milanese, 6 vols., Turim, 1978 ss.
- BERNARDES, Pe. Manuel - Luz e calor, Porto, Lello & Irmão, s/d
- BERNARDES, Pe. Manuel - Imagens da obra do Pe. Manuel Bernardes, ed. Maria Lúcia G. Pires, Lisboa, Comunicação, 1978
- II - Estudos
- PICFORD, Cedric Edward - L'évolution du roman arthurien en prose vers la fin du Moyen Age d'après le manuscrit 112 du Fonds Français de la Bibliothèque Nationale, Paris, 1960
- THOMAS, Henry - Las novelas de caballerías españolas y portuguesas, Madrid, 1952
- Historia y Crítica de la Literatura Española, dir. Francisco Rico, vol. 2, Barcelona, 1980;
- ESTRADA, F. López - Introducción, p. 271;
- CURTO HERRERO, F. Francisco - Los libros de caballerías en el siglo XVI, p. 286;
- PICCHIO, Luciano Stegagno; BLECUA, Alberto - Norma y desvío en la ficción caballeresca: el "Palmeirim" y el "Baldó", p. 291;
- WARDROPPER, Bruce; GOYTOSOLO, Juan - Teoría y sentido de un género: La "Historia Etíopica" y los libros de aventuras peregrinas, p. 318;
- CHEVALIER, Maxime - Entre folklore y literatura: el cuentecillo tradicional y la novela corta, p. 353
- CHEVALIER, Maxime - Lectura y lectores en la España del Siglo XVI y XVII, Madrid, 1976
- CHARTIER, Roger - Les pratiques de l'écrit, in "Histoire de la vie privée", vol. III, Paris, p. 113
- LUIS VARELA, Juan - Revisión de la novela sentimental, "Revista de Filología Española", XLVIII, 1965, p. 351
- WARDROPPER, Bruce - El mundo sentimental de la "Cárcel de amor", ibidem, XXXVII, 1953, p. 168
- PABST, Walter - La novela corta en la teoría y en la creación literaria, Madrid, 1967
- DEYERMOND, A.O. - The Female Narrator in Sentimental Fiction: "Mémina e Moca" and "Clareo y Florisea", "Portuguese Studies", Londres, I, 1985, p.

- HOOK, David - "Naceo e Amperidónia": A Sixteenth-Century Portuguese Romance, *ibidem*, p. 11
- CASTRO, Anibal Pinto de - Uma edição crítica de "Menina e moça" de Bernardin Ribeiro: Problema e soluções, in "Crítica Textuelle Portugaise", Paris, 1986, p. 163
- LOPEZ ESTRADA, Francisco - Los Libros de Pastores en la Literatura Española, Madrid, 1974, (cap. VI, p. 323 ss.)
- BATAILLON, Marcel - *Variata Lcción de Clásicos Españoles*, Madrid, 1964 (cap. V e VI)
- ASENSIO, Eugenio - *Estudios Portugueses*, Paris, 1974 (caps. sobre Bernardim Ribeiro e a "Menina e moça")
- CASTRO, A. Pinto de - *Introdução a Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, Porto, Lello & Irmão, 1984
- SARAIVA, António Jase - *Fernão Mendes Pinto*, 1ª ed., Lisboa, 1958
- SARAIVA, A. J. - *Fernão Mendes Pinto ou a sátira pícarasca da ideologia senhoral*, Lisboa, 1961
- MARGARIDO, Alfredo - La multiplicité des sens dans l'écriture de Fernão Mendes Pinto et quelques problèmes de la littérature de voyages au XVI^e siècle, "Arquivos do Centro Cultural Português", Paris, XI, 1977, o. 159
- REALI, Erlide Melillo - Uma "Peregrinação" inconclusa, "Quaderni Portoghese", Pisa, 4, 1978, p. 101
- HART, Thomas R. - *Style and Substance in the Peregrination*, "Portuguese Studies", Londres, 2, 1986, p. 49
- Voyager à la Renaissance*, Actes du Colloque de Tours 1983, sous la dir. de Jean Céard et J.-Cl. Margolin, Paris, 1987
- Voyage dans les Deltas du Gange et de l'Irraouaddy*, 1521, présenté et édité par Geneviève Bouchon et Luis Filipe Thomaz, Paris, 1988 (cap. I)
- GRACA, Luis - *À Visão do Oriente na Literatura Portuguesa de Viagens: os viajantes portugueses e os itinerários terrestres (1560-1670)*, Lisboa, IN/CM, 1983
- PINTO-CORREIA, J. David - Para uma nova leitura de "Peregrinação" de Fernão Mendes Pinto (o narrador autobiográfico: situação, estatuto e competência), "Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa", Lisboa, série 1017, nº 7-12, 1983, p. 217
- PICCHIO, L. Stegano - *Fernão Mendes Pinto e a sua Peregrinação*, *ibidem*, p. 229
- BROC, Numa - *La géographie de la Renaissance (1420-1620)*, Paris, 1980
- PINTO-CORREIA, J. D. - *Luz e Calor do Pe. Manuel Bernardes. Estrutura e discursos*, Coimbra, 1978
- PIRES, M^a Lucília G. - *Para uma leitura intertextual de "Exercícios Espirituais" do Pe. Manuel Bernardes*, Lisboa, 1980
- LIMA, Eblon de - *O Padre Manuel Bernardes. Sua vida, obra e doutrina espiritual*, Lisboa-Rio de Janeiro, 1969
- BREMOND, Claude; LE GOFF, Jacques; SCHMITT, J.-Cl. - *L' "Exemplum"*, "Typologie des Sources du Moyen Age Occidental", fasc. 4, Turnhout, 1982

Docente: Profª Doutora Mª do Nascimento Oliveira
 Drª Maria Teresa Moia Praça

A FIÇÃO ROMANESCA NOS SÉCULOS XVIII E XIX: ESTRUTURAS TEMÁTICAS E DISCURSIVAS

XVIII.

1. Vidas do romance no séc. XVIII.
1. O pré-romantismo: considerações preliminares.
- 1.1. O pensamento político, religioso e estético nos finais do séc.
- 1.2. O papel dos filósofos na eclosão dos novos sentimentos.
2. A viagem romanesca.
- 2.1. Elementos da ideologia pré-romântica.
- 2.2. O discurso do romance: modelos preferenciais.
- II. Orientações românticas.
1. A fase da contestação.
- 1.1. Ruptura e confronto.
- 1.2. O programa da mudança.
2. A fase das realizações.
- 2.1. O romance da subjectividade.
- 2.2. O romance da evasão.
- 2.2.1. O exotismo.
- 2.2.2. O medievalismo.
- 2.2.3. O sonho e o imaginário.

III. Do Romantismo ao Realismo.

1. O "realismo crítico" na época romântica.
- 1.1. Observação, inspiração, visionarismo.
- 1.1.1. O "romance de formação": o herói à conquista da sociedade.
- 1.1.2. Da realidade ao mito.
- 1.2. A escrita do real.
2. O realismo "científico" da 2ª metade do século.
- 2.1. Entre a obsessão do documento e o culto do Belo.
- 2.1.1. O fim do "romance de formação": o (anti-)herói e o mundo - um percurso de desistência.
- 2.1.2. Da impassibilidade à ironia.
- 2.2. A realidade da escrita.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ABASTAD, C. - *Mythes et rituels de l'écriture*, Bruxelles, Éditions Complexe, 1979
- AUERBACH, E. - *Mimesis - La représentation de la réalité dans la littérature occidentale*, Paris, Gallimard, 1968 (1946)
- BAKHTINE, M. - *Esthétique et théorie du roman*, Paris, Gallimard, 1978 (Moscou, 1975)

- BARTHES, R. - Le degré zéro de l'écriture suivi de Nouveaux essais critiques, Paris, Seuil, 1972 (1953)
- BÉGIN, A. - L'âme romantique et le rêve, Paris, José Corti, 1979 (1939)
- COULET, H. - Le roman jusqu'à la Révolution, Paris, Armand Colin, 1967
- GIRARD, R. - Mensonge romantique et vérité romanesque, Paris, Grasset, 1961
- LUKACS, G. - Le roman historique, Paris, Payot, 1965
- PEYRE, H. - Qu'est-ce que le romantisme?, Paris, Presses Universitaires de France, 1971
- RAIMOND, M. - Le roman depuis la Révolution, Paris, Armand Colin, 1967
- ROUSSET, J. - Forme et signification, Paris, José Corti, 1962
- VAN TIEGHEM, P. - Le romantisme dans la littérature européenne, Paris, Albin Michel, 1969

NOTA: Bibliografia específica será indicada no decorrer do curso.

Sem implicar uma alteração substancial das matérias que tradicionalmente informam a disciplina, o programa que se oferece distribui-se em duas grandes áreas fundamentais:

- A. A leitura crítica do texto dramático de William Shakespeare;
- B. O estudo da epopeia "Paradise Lost", de John Milton.

A sugestão temática "Paradise Lost", de John Milton, do nosso estudo procurará identificar a inscrição de um sujeito no corpo textual e acompanhar a sua busca de uma voz unitária definida na zona conflitual que divide a reinvidicação de uma suposta essência e a interrogação sempre inconclusiva de um sentido providencial.

A primeira parte, de importância destacada na economia do curso, reclamará considerações básicas iniciais acerca do lugar do texto dramático na teoria dos géneros, da tradição e do ambiente cultural e literário em que vive o drama isabelino e jacobeano. Em três momentos se analisará a introdução:

1. A herança clássica, traduzida nos exemplos da tragédia de Sófocles "Reo Édipo" e na teoria aristotélica;
2. O teatro medieval e algumas das suas realizações mais significativas, sumariamente ilustradas num "miracle play" e na moralidade "Everyman";
3. O Renascimento, o Humanismo e a Reforma: as diferenças fundamentais de uma época que, embora considerada com brevidade nos seus aspectos ideológicos, políticos, culturais e literários mais genéricos, alcançará maior desenvolvimento no exame do texto dramático e dos códigos e convenções que o estruturaram e legitimam, nos pressupostos sociais e materiais da representação e na específica e produtiva simbiose das solísticas renascentistas e eruditas, por um lado, e da vivacidade das atitudes representativas que constituem o legado medieval e popular, por outro. Esta conveniência de tradições procurará concretizar-se na leitura de "Doctor Faustus", de Christopher Marlowe, texto que reflecte os dilemas do homem do Renascimento e que é espaço de afirmação do drama enquanto criação estética autónoma.

O estudo da obra de William Shakespeare implica uma escolha necessariamente discutível e lacunar. A opção do curso poder-se-á enunciar-se em breve indicação tónica:

1. Measure for Measure: razão e repressão, a justiça e o corpo;
2. Hamlet: descenderamento, representação e conhecimento;
3. The Tempest: o poder e a arte, cultura e natureza, auto-dramatização, circularidade e ilusão.

da epopeia e o acervo dos respectivos códigos e convenções, bem como o ditara uma natural ênfase em momentos axiais da sua arquitectura. A tradição Sem se prescindir de um estudo integrado, a dimensão do texto épico

Docente: Dr. Huno Ribeiro

"The Arden Shakespeare" ou "The New Penguin Shakespeare" são as edições recomendadas para a leitura das obras de Shakespeare indicadas no programa.

- BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA
- CAWLEY, A. C. - Everlyman and Medieval Miracle Plays, London, J. M. Dent & Sons Ltd, 1956
- DANIELSON, Dennis (ed.) - The Cambridge Companion to Milton, Cambridge, Cambridge University Press, 1989
- EMERSON, William - Milton's God, London, Chatto & Windus, 1965
- FISH, Stanley Eugene - Surprised by Sin, The Reader in Paradise Lost, London, Macmillan, 1967
- FORD, Boris (ed.) - The Age of Shakespeare, The Penguin guide to English literature, vol. 2, Harmondsworth, Penguin Books, 1980
- From Donne to Marvell, The Penguin guide to English literature, vol. 3, Harmondsworth, Penguin Books, 1956
- FOWLER, Alastair (ed.) - Paradise Lost, London/ New York, 1971
- HARRISON, G. B. - Introducing Shakespeare, 3ª ed., Harmondsworth, Penguin Books, 1966
- HILL, Christopher - Milton and the English Revolution, London/ Boston, Faber and Faber, 1979
- JUMP, John (ed.) - Doctor Faustus, Christopher Marlowe, London, Methuen's English Classics, 1965
- LEWIS, C. S. - A Preface to Paradise Lost, London/Oxford/New York, Oxford University Press, 1960
- ONIONS, C. I. - A Shakespeare Glossary, Oxford, Clarendon Press, 1919
- SANDERS, Wilbur - The Dramatist and the Received Idea, Studies in the Plays of Marlowe & Shakespeare, Cambridge, Cambridge University Press, 1968
- TILLIARD, E. M. W. - The Elizabethan World Picture, Harmondsworth, Penguin Books, 1972
- WALDOCK, A. J. A. - Paradise Lost and Its Critics, Cambridge, Cambridge University Press, 1947
- WELLS, Stanley (ed.) - The Cambridge Companion to Shakespeare Studies, Cambridge University Press, 1986

contexto político, religioso e literário da época de Milton fornecerão o necessário enquadramento preliminar.

Questões Prévias:

1. Organização da cadeira. Planificação.
2. Justificação do programa e do seu título.
3. Explicitação do esquema programático.

Perspectivação:

1. Defesa da poesia.
2. O "acto de leitura" como "experience".
3. O efeito de "awareness" e a demanda do real.

1588 - 1688

Aspectos contextuais:

1. "Hamlet" e Hamlet - "Anatomies of Melancholy".
2. Descerções.
3. "All coherence gone".

I. William Shakespeare (1564-1616)

1. "Sugred sonets"?
2. A "perfeição" inquietante.
3. Contenção como "abertura".

II. John Donne (1572-1631)

1. "Strong lines"
2. "The Monarch of Wit".
3. Arquitectura da sedução.
4. O poema como tela.

III. George Herbert (1593-1633)

1. Metafísica da visualidade.
2. A visualidade in-visual.
3. In-finitas transparências.

IV. Andrew Marvell (1621-1678)

1. Novas diferenças.
- 2.a) Amores e jardins.
- b) Referência a Milton.
3. Uma estética do inconcluso.

V. Henry Vaughan (1622-1695)

1. O arrebatamento lírico.

2. Ecoando para Blake e para Wordsworth.
3. A infância e a Natureza como Eden.
4. O poema como campo magnético.

BIBLIOGRAFIA

- ATKINS, J.M.H. - English Literary Criticism - The Renaissance. London, Methuen, 1947
- BEER, Patricia - An Introduction to the Metaphysical Poets. London, Macmillan, 1972
- BENNETT, Joan - Five Metaphysical Poets. Cambridge University Press, 1964
- BRADBROOK, M.C. - Shakespeare - The Poet in his World. London, Methuen, 1978
- BRADBURY, Malcolm & PALMER, David (eds.) - Metaphysical Poetry. London, Edward Arnold, 1970
- BROOKS, Cleanth - Modern Poetry and the Tradition. The University of North Carolina Press, 1939
- COLIE, Rosalie L. - Shakespeare's Living Art. Princeton University Press, 1974
- DEAN, Leonard F. (ed.) - Shakespeare: Modern Essays in Criticism. New York: Oxford University Press, 1957
- EMPSON, William - Seven Types of Ambiguity. London, Chatto and Windus, 1930
- FERGUSON, Margaret W. - Trials of Desire - Renaissance Defenses of Poetry. New Haven and London, Yale University Press, 1983
- FINEMAN, Joel - Shakespeare's Perjured Eye - The Invention of Poetic Subjectivity in the Sonnets. Berkeley, Los Angeles, London, University of California Press, 1986
- FORD, Boris (ed.) - The Age of Shakespeare. The Pelican guide to English Literature, Vol. 2. Harmondsworth, Penguin Books, 1970 rep.
- " - From Donne to Marvell. The Pelican guide to English Literature, Vol. 3. Harmondsworth, Penguin Books, 1968 rep.
- GRANVILLE-BARKER, H. & HARRISON, G.B. (eds.) - A Companion to Shakespeare Studies. Cambridge University Press, 1966 rep.
- HAMMOND, Gerald (ed.) - The Metaphysical Poets - A Selection of Critical Essays. London, Macmillan (Casebook), 1974
- HUNTER, Jim - The Metaphysical Poets. London, Evans Brothers, 1965
- KEAT, William R. (ed.) - Seventeenth Century English Poetry - Modern Essays in Criticism. New York, Oxford University Press, 1962
- KNIGHT, G. Wilson - The Mutual Flame: On Shakespeare's Sonnets and The Phoenix and the Turtle. London, Methuen, 1973 rep.
- KNIGHTS, L.C. - Exploration - Essays in Criticism mainly on the Literature of the Seventeenth Century. London, Chatto & Windus, 1965
- " - Further Explorations. London, Chatto & Windus, 1970
- LEWIS, C.S. - Studies in Words. Cambridge University Press, 1960
- MACK, Maynard & LORD, George de Forest (eds.) - Poetic Traditions of

the English Renaissance. New Haven and London, Yale University Press, 1982

MUIR, Kenneth & SCHOENBAUM, S. - A New Companion to Shakespeare's Studies. Cambridge University Press, 1976 rep

ONIONS, C.T. - A Shakespeare Glossary. Oxford, At the Clarendon Press, 1966 rep.

PARRIDGE, A.C. - The Language of Renaissance Poetry - Spenser, Shakespeare, Donne, Milton, Andre Deutsch, 1971

PEARSON, Lu Emily - Elizabethan Love Conventions. London, George Allen and Unwin, 1966 rep

REESE, M.M. - Shakespeare, his World and his Work. London, Edward Arnold, 1980

RIDLER, Anne (ed.) - Shakespeare Criticism 1935-1960. London, Oxford University Press, 1970

ROMSE, A.L. - Shakespeare's Sonnets: The Problems Solved. London and Basingstoke: Macmillan, 1973 rep.

RUTHVEN, K.K. - The Conceit. London, Methuen, 1969

SUMMERS, Joseph H. - The Heirs of Donne and Jonson. London, Chatto & Windus, 1970

TILLIARD, E.M.W. - The Elizabethan World Picture. Harmondsworth, Penguin Books, 1974 rep

VINSON, James (ed.) - The Renaissance excluding Drama. London, Macmillan, 1983

WILLEY, Basil - The Seventeenth Century Background. London, Chatto & Windus, 1934

WILLIAMSON, George - A Reader's Guide to the Metaphysical Poets. London, Thames and Hudson, 1968

OBS. Esta bibliografia é exclusivamente constituída por livros existentes no Porto. Uma vez que faltam alguns estudos recentes particularmente importantes, tentar-se-á que a faculdade os obtenha antes do início do ano lectivo.

No início das aulas serão indicados os textos a utilizar, assim como estudos de carácter mais específico.

Docentes: Dr^o M^o Marques Chaves de Almeida
 Dr^o Teresa Martins de Oliveira
 Turmas A, B, C

Prosa narrativa de G. Keller a B. Brecht
 0. Pressupostos metodológicos.

1. O realismo burguês.
- 1.1. Gottfried Keller: a novela do séc. XIX.
- 1.1.1. Kleider machen Leute (Turmas A e B).
- 1.1.1.1. A tipicidade das personagens nas suas coordenadas sócio-históricas.
- 1.1.1.2. A dimensão sociopsicológica da hipodiegese sobre a infância do herói.
- 1.1.1.3. O humor e a utilização crítica de "clichés" da literatura trivial.

- 1.1.2. Römer und Julia auf dem Dorfe (Turma C)
- 1.1.2.1. A tradição das "Dorfgeschichten".
- 1.1.2.2. O contexto sócio-histórico da novela.
- 1.1.2.3. Relações de intertextualidade com o drama de Shakespeare.
- 1.2. Theodor Fontane: Effi Briest e o romance de adultério europeu da segunda metade do séc. XIX.
- 1.2.1. A crítica da nobreza rural e do alto funcionalismo prussiano na era de Bismarck.
- 1.2.2. O conceito de distância narrativa. A predominância do diálogo. Os soliloquios e as cartas. O encadramento de imagens e motivos e o seu valor simbólico.

2. O naturalismo.
- 2.1. Arno Holz e Johannes Schlaf.
- 2.2. Gerhart Hauptmann.

3. O esteticismo.
- 3.1. H. von Hofmannsthal: Ein Brief.
- 3.1.1. A desagração da realidade.
- 3.1.2. A crise de identidade e de linguagem.

4. THOMAS MANN.

- 4.1. Tristan e a crítica ao esteticismo do "fin-de-siècle".
- 4.1.1. A relação intertextual com o Tristan und Isolde de Wagner.
- 4.1.2. A antinomia arte/existência burguesa.
- 4.1.3. Relato triplo e significado nuclear da cena da fonte.

c) Thomas Mann:
DITTMANN, Ulrich (ed.) - Erläuterungen und Dokumente. Thomas Mann:

b) Theodor Fontane:
HAMANN, Elisabeth - Theodor Fontane. "Effi Briest": Interpretation,
München Oldenbourg, 1981
SCHAFARASCHIK, Walter (ed.) - Erläuterungen und Dokumente. Theodor
Fontane Effi Briest, Stuttgart, Reclam (UB 8119), 1982

a) Gottfried Keller:
JAUER, Gesine - Stundenblaetter "Kleider machen Letzt/ Taugenichts",
Stuttgart, Klett, 1979
HEIN, Jürgen (ed.) - Erläuterungen und Dokumente. G. Keller, "Romeo
und Julia auf dem Dorfe", Stuttgart, Reclam, UB 8114, 1971

BIBLIOGRAFIA CRITICA

UB 6172
" - Kleider machen Leute, Stuttgart, Reclam, UB 7470
MANN, Thomas - Tristan, Stuttgart, Reclam, UB 6431, 1982

KAFKA, Franz - Das Urteil e Die Verwandlung, in: F.K., Das Urteil und
andere Erzählungen, Frankfurt/Main. Fischer TB 19, 1983, pp. 7-18
KELLER, Gottfried - Romeo und Julia auf dem Dorfe, Stuttgart, Reclam,
UB 6172

REINHOLD, Reinhold - Der Augsburger Kreidekreis, in: B.B., Kalenderges-
chichten, Reinbek bei Hamburg, Rowolt, Pororo 77, 1986, pp. 5-18
FONTAINE, Theodor - Effi Briest, Stuttgart, Reclam, UB 6961 (3), 1983
HOFMANNSTHAL, Hugo V. - Ein Brief, in: Hans-Ulrich Lindken (ed.), H.
von Hofmannsthal, "Ein Brief", "Reitergeschichten" mit Materialen, Stuttgart,
Klett, 1984

KAFKA, Franz - Das Urteil e Die Verwandlung, in: F.K., Das Urteil und
andere Erzählungen, Frankfurt/Main. Fischer TB 19, 1983, pp. 7-18
KELLER, Gottfried - Romeo und Julia auf dem Dorfe, Stuttgart, Reclam,
UB 6172

8.2. Relações intertextuais com o drama Der kaukasische Kreidekreis.
chave.
8.1. A nova perspectiva brechtiana e a figura da mãe como figura-
das histórias de almanaque.

7. ROBERT WALSER.

6. FRANZ KAFKA.
6.1. Das Urteil e o conflito pai/filho.
6.1.1. O seu lugar-chave na vida e produção literária do autor.
6.1.2. Afinidades estruturais com o drama.
6.1.3. A estrutura apelativa do texto.

5. O expressionismo.

- "Tristan", Stuttgart, Reclam (UB 8115), 1983
- RASCH, Wolfriedrich - Thomas Manns Erzählung "Tristan", in W. Foerste e K. H. Borck (ed.), "Festschrift für Jost Trier: zum 70. Geburtstag", Köln, 1964, pp. 430-465
- TRIAS, Eugénio - Conhecer Thomas Mann e a sua obra, Lisboa, Ulisseia. s/d.
- YOUNG, Frank - Montage and Motif in Thomas Mann's, Bonn, Bouvier, 1975
- d) Franz Kafka:
 BINDER, Hartmut - Kafka-Kommentar zu sämtlichen Erzählungen, München, Winkler, 1977, pp. 123-152 e 152-172
- IZQUIERDO, Luis - Conhecer Kafka e a sua obra, Lisboa, Ulisseia, 1981

Docente: Prof. Arnaldo Saraiva

1. A Literatura Brasileira em Portugal (história, teoria da recepção, transtextualidade).
2. Modernismo e modernidade no romance Serafim Ponte Grande, de Oswald de Andrade.
3. O tema do Carnaval na literatura Brasileira (alguns aspectos).

BIBLIOGRAFIA GERAL

1. A (História)
- BRUNO, Sampato - O Brasil Mental, Porto, Chardron, 1898.
- COUTINHO, Afrânio - A Tradução Afortunada, Rio de Janeiro, Livr. José Olympio em col. com a USP, 1968
- CRISTOVÃO, Fernando - Situação e Problemas do ensino da literatura Brasileira em Portugal, in "Actas" do X Encontro de Profs. Brasileiros de Lit. Portuguesa e I Colóquio Luso-Brasileiro/.../, Lisboa, Inst. de cultura Brasileira, 1986
- FIGUEIREDO, Fidelino de - Um Século de Relações Luso-Brasileiras (1825-1925), sep. da "Revista de História", vol. XIV, Lisboa, E. L. Fluminense, 1925.
- FEITAS, José António de - Estudos Críticos sobre a literatura do Brasil, I, O Literário Brasileiro, Lisboa, Tip. das Horas Românticas, 1877.
- REGO, A. da Silva - Relações Luso-Brasileiras (1822-1953), Lisboa, Ed. Panorama, 1966.
- SARAIVA, Arnaldo - O Modernismo Brasileiro e o Modernismo Português, 3 vols., Porto, 1986.
- A Literatura Brasileira em Portugal, in "Expresso", 18 de Fevereiro de 1984.
- N.B. Oportunamente serão indicadas outras (de bibliófilos como João de Barros, José Osório de Oliveira, João Gaspar Simões, etc.) e também algumas publicações como a Águia, Atlântida, Descobrimento, Atlântico, etc.
- B (Teoria da recepção, textualidades)
- GENETTE, Gerard - Palimpsestes, Paris, Seuil, 1982
- GUILLEN, Claudio - Entre lo Uno y lo Diverso, Introducción a la Literatura Comparada, Barcelona, Ed. Crítica, 1985
- ISER, Wolfgang - L'Acte de Lecture, Théorie de l'effet esthétique, Bruxelles, Pierre Mardaga, 1976
- JAUSS, Hans Robert - Experiencia Estética y Hermenéutica Literaria, Madrid, Taurus, 1986
- SCHMELING, Manfred - Teoría y Práxis de la literatura Comparada,

- Barcelona/Caracas, Ed. Alfa, 1984
- SILVEIRA, Tasso da - Literatura Comparada, Rio de Janeiro, Edições, CRD, 1964
- 2.A (Texto de Base)
- ANDRADE, Osmal de - Seráfim Ponte Grande, S. Paulo, global Ed., 1984. (Inclui ensaios de Antônio Cândido, Haroldo de Campos e Mário da Silva Brito) M.B. Foi também editado pela CiviLização Brasileira (Rio de Janeiro, várias edições) em conjunto com o romance Memórias Sentimentais de João Miramar, col. "Obras Completas" - 2.
- B. (Sobre Osmal de Andrade)
- BRITO, Mário da Silva - As Metamorfoses de Osmal de Andrade, S. Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1972
- CAMPOS, Haroldo de - Osmal de Andrade, Rio de Janeiro, Agir, 1967
- HELENA, Lúcia - Totems e Tabus de Modernidade Brasileira, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985
- JACKSON, Kenneth D. - À Procura Vanguardista na Literatura Brasileira: Osmal de Andrade, S. Paulo, Ed. Perspectiva, 1978
- NUNES, Benedito - Osmal Canibal, S. Paulo, Ed. Perspectiva, 1979
- C. (Sobre o romance brasileiro/modernista e moderno)
- BARBOSA, João Alexandre - À modernidade no romance, in "Livro do Seminário de Literatura Brasileira", S. Paulo, LR Editores, 1983
- NUNES, Benedito - Reflexões sobre o Moderno romance brasileiro, in "Livro de Seminário"/...//, id.
- SANT'ANA, Afonso Romano de - Análise Estrutural de Romances Brasileiros, Petrópolis, Ed. Vozes, 1973
- SUSSEKIND, Flora - Tal Brasil, qual Romance?, Rio de Janeiro, Achiamé, 1984
- 3.A. (Textos)
- LOUZADA, Wilson - Antologia de Carnaval, Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1945
- N.B. Outros textos de outros autores que não constam desta antologia - de Manuel Bandeira aos "poetas marginais" dos anos 70 e 80 - serão indicados oportunamente
- B. (Teoria do Carnaval)
- BAKHTINE, Mikhail - L'Œuvre de François Rabélais et la Culture Populaire au Moyen-Âge et sous la Renaissance, Paris, Gallimard, 1970, (Ed. castelhana: La Cultura Popular en la Edad Media y Renacimiento, Barcelona, Barral, 1974)
- GALINBET, Claude et FLORENTIN, Marie-Claude - Le Carnaval, Paris, Payot, 1974

C. (Teoria do Carnaval Brasileiro)
MATTIA, Roberto da - Carnavais, Malandros e Heróis, 4ª ed., Rio de Janeiro, Zanal Editores, 1983
MERAUJIOR, José Guilherme - Saudades do Carnaval, Rio de Janeiro, Forense, 1972
SEBE, José Carlos - Carnaval, Carnavais, S. Paulo, Ed. Atica, 1987

Docente: Prof. Doutor Salvato Trigo
 Dr.^a Maria Cristina Pacheco

1. Da literatura colonial às literaturas africanas
- 1.1. O Negro como tema e como sujeito poético.
- 1.2. Movimentos ético-estéticos anglófonos e francófonos.
- 1.3. Literatura colonial e literaturas africanas: o exotismo como fronteira.
- 1.5. Introdução à problemática da continentalidade e da insularidade literária da língua portuguesa.

2. A Literatura Angolana.

- 2.1. Gênese e evolução.
- 2.1.1. Do mesticismo ao separatismo linguístico-literário: da geração da "Mensagem" à geração do "maquis", de Viriato da Cruz a Fernando Costa Andrade e João Maria Vilanova.
- 2.1.2. A especificidade da narrativa angolana moderna: de Luandino Vieira a Pepetela.

3. A Literatura Santomense

- 3.1. Um caso típico de literatura mulata.
- 3.1.1. Da geração do neorromantismo ao mulatismo e à África: de Costa Alegre a Francisco José Tenreiro e a Aida do Espírito Santo.

BIBLIOGRAFIA

1. Antologias
- ANDRADE, Mário - Antologia temática da poesia africana 1, Lisboa, Liv. Sá da Costa, 1975
- FERREIRA, Manuel - No reino de Caliban I, Lisboa, Seara Nova, 1975
- "- No reino de Caliban II, Lisboa, Seara Nova, 1976
- "- No reino de Caliban III, Lisboa, Seara Nova, 1984
2. Gênerica
- BEIER, Ulri - Introduction to African Literature, 2^a ed., Londres, Longman, 1977
- COOK, David - African Literature - A Critical View, Londres, Longman, 1977
- FERREIRA, Manuel - Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa 1 e 2, col. "Biblioteca Breve" Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1977
- "- A Aventura Crioula, 2^a ed., Lisboa, Plátano Editora, 1973
- GERARD, Albert - African Language/Literatures, Londres, Longman, 1981
- HAMILTON, Russel - Literatura Africana/Literatura Necessária I, Lisboa, Edições 70, 1981

- " - Literatura Africana/Literatura Necessária II, Lisboa, Edições JAHN, Vanheinz - Manuel de Littérature Néo-Africaine, Paris, Ed. Resma, 1969
- LISBOA, Eugénio - Crónica dos Anos da Peste-I, Lourenço Marques, Liv. Académica, 1973
- " - Crónica dos Anos da Peste-II, Lourenço Marques, Liv. Académica, 1975
- MARGARIDO, Alfredo - Estudos sobre Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa, Lisboa, Ed. A Regra do Jogo, 1980
- MOSEK, Gerald - Essays in Portuguese-African Literature, Philadelphia, Pennsylvania State Univ., 1969
- NRASHAMA, Pius - Littératures Africaines, Paris, Ed. Silex, 1984
- NKOSI, Lewis - Tasks and Masks, Londres, Longman, 1981
- OLIVEIRA, J. Osório de - Enquanto é Possível, Lisboa, Ed. Universo, 1970, "Possibilidades e significação de uma Literatura Caboverdiana"
- PRETO, Rodas R. A. - Negritude as a theme in the Poetry of the Portuguese World, Gainesville, Univ. of Florida Press, 1970
- SANTOS, Eduardo dos - A negritude e a luta pelas independências na África Portuguesa, Lisboa, Ed. Minerva, 1975
- SARTRE, J.-P. - Anthropologie de la poésie nègre et malgache, Paris, PUF, 1972, "Orphée Noir"
- SILVEIRA, Onésimo - Conscientização na Literatura Caboverdiana, Lisboa, Ed. da Casa dos Estudantes do Império, 1963
- SIMPSON, Ekundayo - Présence africaine-III, Paris, 1979, "Bilingualisme et création littéraire en Afrique"
- TRIGO, Salvato - Introdução à literatura Angolana de Expressão Portuguesa, Brasília Ed., 1977
- " - A poética da "Geração da Mensagem", Porto, Brasília Ed., 1979
- " - José Luandino Vieira: o Logoteia, Porto, Brasília Ed., 1981
- " - A Emergência das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa e a Literatura Brasileira, "Letras de Hoje", nº 55, Porto Alegre, 1984
- " - L'enseignement des littératures africaines au Portugal, "Recherche/Pédagogie", nº 68, Paris, 1984
- " - Ensaio de Literatura Comparada, Lisboa, Vega Editora, 1986
- Obras de leitura obrigatória
- Literatura Angolana
- BARREITOS, Arlindo - Angola Antolê Angolama, 2ª ed., Lisboa, Sá da Costa, 1977
- CARDOSO, Boaventura - O Fogo da Fala, Edções 70, 1980
- CARVALHO, Ruy Duarte de - Como se o mundo não tivesse leste, Porto, Livian, 1977
- MACEDO, Jorge - Gente de meu bairro, Lisboa, Edições 70, 1977
- PEPETELA - O cão e os caluandas, Lisboa, Dom Quixote, 1985
- ROCHA, Jofre - Estórias do Mussequê, Lisboa, Edições 70, 1977
- RUI, Manuel - Quem me dera ser onda, Luanda, INALD, 1984

- VIEIRA, Luandino - João Vêncio: os seus amores, Lisboa, Edições 70, 1979
- Literatura Caboverdiana
- FONTES, Corsino - Pão & Fonema, Lisboa, Sa da Costa, 1980
- GONÇALVES, António Aurélio - Noite de Vento, Praia, Instituto Caboverdiano do Livro, 1985
- LOPES, Manuel - Chuva Braba, Lisboa, Edições 70, 1982
- Literatura Moçambicana
- CRAVEIRINHA, José - Karíngana na Karíngana, Lisboa, Edições 70, 1982
- HONWANA, Luís Bernardo - Nós matámos o cão tihoso..., São Paulo, Editora Atica, 1980